

RESUMO

Apresentamos uma reflexão sobre um trabalho realizado com adolescentes em uma escola particular. A demanda da escola surgiu quando o professor se deparou com a impossibilidade da transmissão de um saber sobre o corpo sexuado aos adolescentes. O professor se confrontou com as falhas na transmissão pedagógica, com o excedente pulsional intraduzível dos alunos, e com o próprio mal-estar e a perplexidade diante dessa situação. A eclosão da puberdade, o encontro com o outro sexo, o amor, o conflito entre as gerações, a imagem corporal cambiante geraram angústia e agitação. Nas conversações de orientação psicanalítica com um grupo de adolescentes na escola, emergiram perguntas e respostas, tornando possível uma simbolização do que aparecia como uma opacidade no saber e provocações linguageiras.

Descritores: *adolescência; puberdade; saber; sintoma; conversação.*

A ESCUTA DE ADOLESCENTES NA ESCOLA: A SEXUALIDADE COMO UM SINTOMA ESCOLAR

Cristiane de Freitas Cunha
Nádia Laguárdia de Lima

O impasse na transmissão do saber

Este texto aborda um trabalho que foi realizado pelo Núcleo Interdisciplinar sobre a Adolescência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), composto por professores da Faculdade de Medicina e do Departamento de Psicologia, com orientação psicanalítica. Neste artigo, abordaremos a demanda de uma escola dirigida ao Núcleo, o relato da expe-

■ Professora Associada do Departamento de Pediatria e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

■ Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

riência de conversação com as adolescentes e as elaborações teóricas subsequentes. O trabalho foi realizado em uma escola particular de Belo Horizonte, com adolescentes do sexto ano do ensino fundamental. O impasse na transmissão de um saber sobre o corpo e sobre a sexualidade tornou-se evidente pelo elevado índice de respostas consideradas incorretas nas avaliações e pela agitação manifestada pelos alunos, durante as aulas de Ciências. A demanda da professora de Ciências se referia a um ponto que para ela era enigmático, um impasse ocorrido na transmissão do saber sobre o corpo sexuado, sobre a sexualidade. Segundo ela, “*todos os alunos do sexto ano erraram a questão sobre ereção, apesar da imagem inequívoca do livro de Ciências*”.

A escola acreditava que a solução para o problema estaria na oferta de mais informações sobre o corpo e as transformações da puberdade. A demanda inicialmente se dirigiu a uma médica de adolescentes e psicanalista, participante do Núcleo Interdisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que logo foi nomeada pela escola de “*especialista*”. Os professores anunciaram a ida da médica à escola e pediram que os alunos elaborassem perguntas que permaneceriam anônimas. A assistente da coordenação enviou as perguntas para a médica por e-mail, quase se desculpendo: “*tive vergonha de digitar*”. As perguntas eram provocativas e instigantes:

“Por que nada no corpo da mulher demonstra o prazer?
Sexo é mágico? Nasce um filho e some um pai?
Por que as meninas começam a se achar gordas na adolescência?
Por que a mulher geme na hora do sexo?
Quem evolui primeiro? O homem ou a mulher?
Com quantos anos a mulher deve perder a virgindade?
Por que a relação sexual tem esse nome?
Por que os homens querem fazer mais sexo do que as mulheres?
Fazer sexo dói?
Por que quando transamos, quanto mais transamos mais queremos transar?
Por que pessoas fazem sexo sem ser pra ter filhos, se dói?”

A coordenação da escola estipulou que a médica só conversaria com as meninas, em função da tradição católica rigorosa da instituição. Aceitou-se a condição imposta pela escola para que fosse possível realizar um trabalho de escuta com as adolescentes. No entanto, foi sugerido um trabalho de conversação também com os meninos, mesmo que com um profissional do sexo masculino. Na ausência de um profissional do sexo masculino, nesse momento inicial, optou-se pela oferta de outras atividades para os meninos, não relacionadas ao tema.

No encontro com a primeira turma, a professora de Ciências apresentou a médica como especialista em adolescência e permaneceu na sala por algum tempo. A médica sugeriu que as alunas, ao se apresentarem, falassem também uma palavra sobre adolescência e puberdade. E assim, surgiram: corpo, transformação, crescimento, vergonha, sentimento, espinha, menstruação, dieta. A médica pontuou que alguns desses significantes remetiam à puberdade, outros à adolescência, diferenciando os dois conceitos. O primeiro, como um acontecimento de corpo, universal. A adolescência como uma resposta singular à puberdade. Durante a permanência da professora de Ciências na sala, as perguntas de cunho biológico predominaram, como, por exemplo: “*Quem fica menstruada mais cedo fica mais baixa?*”.

Com a saída da professora da sala, houve um deslocamento. Uma menina apontou para um pequeno cartaz. “*E aquela palavra ali: amor? Por que a gente antes sentia nojo dos meninos e agora não sente mais?*”. Algumas disseram que nunca sentiram nojo, outras que o perderam e outras ainda experimentavam esse afeto. Falaram também sobre a vergonha, sobre a imagem corporal e sobre a anorexia. Pediram para brincar de telefone sem fio. A frase provocou risos e reações de vergonha: “*um mais um pode ser três?*”. A autora da frase se justificou, dizendo que ouviu isso em uma campanha durante o Carnaval. Outra associou: “*minha prima nasceu em novembro, nove meses depois do Carnaval?*”.

Outra menina perguntou: “*qual seria a idade certa para a primeira relação sexual?*”.

No encontro com a segunda turma, a professora de Ciências apresentou a médica e deixou a sala. As apresentações e as palavras sobre puberdade e adolescência se repetiram. Essa turma insistiu em saber se a médica leu as perguntas. As meninas falaram sobre o sentimento de insatisfação com a imagem corporal, sobre o *cutting*. E associaram as falas sobre a insatisfação com o corpo e sobre a automutilação: o corte com fragmentos do espelho que devolve a imagem distorcida. Falaram sobre ser diferente. Uma narrou o sofrimento da mãe, quando adolescente, por ser gordinha e ter o cabelo anelado (como ela própria). Outra falou sobre o tio que morreu por causa das drogas e como isso afetou a família. Pediram para brincar de telefone sem fio. A frase percorreu a roda, suscitando expressões de divertimento e espanto: “*as meninas amam os meninos?*”.

No encontro com a terceira turma, a profissional, que era apresentada pela professora de Ciências como médica, especialista em adolescentes, se apresentou como médica que trabalha com adolescentes e psicanalista, para identificar os efeitos dessa forma de apresentação sobre a conversação. Mais uma vez, houve sucessão de nomes e palavras sobre puberdade e adolescência. Nenhuma pergunta sobre o corpo. Dessa vez, surgiram perguntas, mas também respostas (“*posso responder?*”). Fizeram associa-

ções sobre os conflitos intergeracionais, com pais, irmãos e primos mais novos. Enfatizaram a nomeação que vacila e provoca mal-estar: ora criança, ora adolescente.

Depois dos encontros preliminares com os alunos, foram levantadas algumas hipóteses, que culminaram na elaboração de um projeto de pesquisa e intervenção na escola, utilizando o dispositivo clínico da conversação.

A eclosão da puberdade e a transmissão do saber

Constatamos que o mal-estar na escola surgiu quando os professores se depararam com a eclosão da puberdade dos alunos e com a impossibilidade de transmitir um saber sobre o sexo. Os professores se depararam com as falhas e equívocos inerentes à transmissão pedagógica, diante do excedente pulsional intraduzível dos alunos. E com o próprio mal-estar e perplexidade diante dessa situação.

Nas conversações com as alunas, o interesse pelo tema da sexualidade ficou evidente. No entanto, não era o saber sobre o corpo biológico que elas buscavam, mas sim um saber sobre as relações entre meninos e meninas, sobre as mudanças observadas na percepção do mundo e de si mesmas na passagem da infância para a adolescência, sobre os conflitos familiares, sobre o amor, sobre o que fazer diante do outro sexo. Perguntas que não

podiam ser respondidas pelos professores de Ciências, nem por nenhum mestre. No despertar da puberdade, os alunos se depararam com a falha do saber científico em responder aos enigmas relativos à sexualidade. Mais do que buscar informações, os adolescentes buscavam um espaço para a palavra. Nas tentativas de elaboração de um saber possível sobre o impossível do real do sexo, os conteúdos de Ciências, as informações obtidas nos programas de televisão, na internet e junto aos pares de amigos se misturavam às suas fantasias sexuais.

Destacamos as principais questões trazidas pelas alunas nas conversações em cada turma, que definiram os temas das conversações no projeto de pesquisa e intervenção na escola. Os temas foram definidos, portanto, a partir das questões centrais abordadas pelas adolescentes em cada turma:

1. Perda do nojo, o amor. A diferença do amor terno e genital, a decisão sobre o início da vida sexual.

2. As transformações da puberdade, a imagem corporal, a insatisfação e a vergonha.

3. Nomeação: criança \times adolescente. A separação dos pais.

As questões trazidas pelos adolescentes apontaram para o rompimento dos semblantes que os sustentavam até então. Nesse reencontro com o impossível, o adolescente constata a impossibilidade de uma resposta que tampone o buraco aberto pela sexualidade. *“Por que a perda do nojo? O que é o amor? Quando iniciar a vida sexual?”*

Por que sentimos vergonha do corpo? Por que não confiamos mais na palavra dos pais? Não existem respostas para essas questões. Os sintomas escolares denunciam a constatação feita pelos adolescentes da impossibilidade do discurso do mestre em responder às suas questões. Há um não saber sobre o que fazer diante do que se apresenta como estranho ao sujeito: o sexo, o enigma da vida e da morte, seu corpo. Como destaca Stevens (2004), a adolescência é a enumeração de uma resposta sintomática a esse não saber.

Para Rufino (2004), o sujeito adolescente se depara com três grandes enigmas: o da identificação do lugar do sujeito nas tensões relacionais do mundo inter-humano, o da filiação e o da sexualidade. O autor acrescenta que, diante de tamanha exigência de reposicionamento vital, ao adolescente só resta, após o transbordamento aflitivo do impacto, siderar-se e emudecer (primeiro tempo da adolescência); depois, solicitar, a seu modo, que dos outros lhe advenha a palavra que lhe falta para nomear o inominável de sua experiência (segundo tempo da adolescência); para, por fim (num terceiro tempo), lançar-se na aventura de se reconstruir inventando alguma resposta inédita às exigências pós-pubertárias, seguindo em direção à condição adulta.

O encontro com o real do sexo desperta angústia e o adolescente precisa de um tempo para elaborar uma resposta, sempre parcial, para essa irrupção. Lacan (2005), em *O seminário, livro 10: a angústia, 1962-1963*, destaca que os fenômenos de angústia surgem quando há uma vacilação da fantasia. A irrupção do real da puberdade faz vacilar a fantasia. A angústia surge diante da aproximação do real, pois, como adverte Lacan, a angústia não é sem objeto, trata-se aqui do objeto *a*. Lacan comenta que o fenômeno fundamental da neurose é a angústia, que é a tradução subjetiva do encontro com a alteridade absoluta.

Na adolescência, o sujeito se depara com o Outro sexo, para além da referência fálica. Há o confronto com o Outro gozo, para além do gozo fálico. Há um rompimento dos semblantes fálicos que cobriam o real do sexo e o sujeito se depara com o feminino. O adolescente é convocado a se posicionar na partilha dos sexos, há aqui uma exigência de escolha pelo sujeito. O confronto com o Outro sexo é o encontro com o buraco estrutural, com a falha simbólica, com a ausência de palavras. Diante desse impasse estrutural, o amor é uma saída elegante, como diz Lacan. Daí o interesse das meninas pelo amor, numa tentativa de recobrimento da ausência da relação sexual.

Educação e transmissão: o impossível e o possível no ato educativo

A educação é impossível, ou seja, existe uma dimensão ineducável em todo sujeito. Núñez (2005) diferencia duas dimensões do ato educativo: a aprendizagem e a educação. A aprendizagem implica adquirir algo do patrimônio cultural. Supõe um tempo para essa aquisição e há algo de previsível nesse processo, o que possibilita a avaliação dessa aquisição. No entanto, isso não deixa de ser uma abstração, como adverte Núñez, já que cada sujeito tem o seu ritmo e o seu tempo próprio para a aprendizagem. Mas há uma exigência social com relação a essa aprendizagem cultural. Há que se dar conta dessa transmissão cultural. É o que acompanhamos nas escolas, uma preocupação com a transmissão de conhecimentos formais, segundo um ideal de uma transmissão sem equívocos.

A educação, por seu turno, diz respeito aos efeitos subjetivos, particulares, de cada sujeito da educação (Núñez, 2005). Os efeitos da educação não são previsíveis, portanto, não podem ser avaliados. É impossível calcular o que, como e quando acontecerá. A educação resiste a todo cálculo, pois não é possível antecipar o que se passa no ato de ensino.

As duas dimensões não podem ser reduzidas a uma. A educação vai além da aprendizagem. O ato educativo abre outra temporalidade (Núñez, 2005). Ela se inscreve em um lugar mais além de qualquer finalidade, em um instante breve, efêmero, do qual talvez nada se possa dizer, mas do qual se é responsável. Para Núñez, a educação envolve um mar aberto, incalculável, onde a navegação nunca é completa. Não conhecemos, de antemão, para onde ela nos conduz. Se a educação envolve tantas incertezas, ela abarca, no entanto, a confiança de que esse outro, com quem se trabalha, sabe para onde se vai. A transferência é fundamental nesse processo.

Para Freud (1910/1970), a escola deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver. Tizio (2005) questiona como recuperar a relação com o saber vivo, alegre, na época atual. Como recuperar o desejo de saber numa época “marcada por uma espécie de alienação coletiva a um conhecimento que faz dormir, que fadiga”, (2005, p. 112). Para que haja realmente uma transmissão, algo do desejo deve ser colocado em jogo. A educação envolve o encontro entre dois desejos, o de

ensinar e o de aprender. O impasse no processo educativo revela uma falha nessa transmissão, colocando em questão o desejo dos sujeitos envolvidos nesse processo.

A escola sente perder o controle diante dos alunos que não aprendem ou que manifestam um comportamento inesperado. Muitas vezes, as medidas adotadas pela escola estão voltadas para o reforço do controle. Tizio (2005) afirma que todas as formas de controle social, de domínio direto do gozo, excluem o sujeito, ao deixar o controle do lado do Outro. Ao atacar o “gozo” de maneira direta, o que se produz é o aumento do problema. Para a autora, o discurso educativo é um discurso que visa dominar a dimensão pulsional pela via dos conteúdos culturais. Se o educador tem um saber acumulado sobre o que deve transmitir, por outro lado ele não sabe sobre o sujeito, sobre o seu interesse particular, nem sobre o que ele apropriará do conhecimento transmitido. Quando a educação toma a forma de um controle social direto, se perde a dimensão dos modos de satisfação de cada sujeito. Ao buscar apagar as singularidades através de um ideal homogêneo de conhecimento, o que se pretende é a erradicação do gozo.

Quanto mais se pretende homogeneizar as formas de vida, mais se segrega (Tizio, 2005). O que é segregado não desaparece, mas se transforma em um obstáculo, que insiste, fazendo naufragar o discurso. Quando se pretende trabalhar na “prevenção” do problema, buscando a erradicação do gozo, o que se obtém como resposta é exatamente a produção do que se quer evitar. É o que acompanhamos no espaço escolar. As tentativas de se erradicar as manifestações e interesses sexuais dos jovens, pelo silenciamento da palavra, favorecem a sua eclosão no campo das ações. Tizio defende que a Psicanálise deve ajudar a sintomatizar as novas formas de mal-estar. A sintomatização não visa o extravio do gozo, mas o coloca sob a transferência, o que já é um princípio de regulação.

Como o psicanalista pode operar na instituição educacional? Como promover o despertar do desejo de saber? Como a Psicanálise pode ajudar a sintomatizar as novas formas de mal-estar no campo escolar? Para Pereira (2012), o objetivo do trabalho do psicanalista nas instituições educacionais é dissolver seu saber de especialista e promover um espaço para fazer circular a palavra, de modo que os discursos, através dos atos de fala, tencionem o universal e o particular, levando a produzir sujeitos. Esses profis-

sionais serão autorizados a intervir em uma instituição se forem chamados a fazê-lo e se estiver instalada a transferência, obedecendo ao princípio ético de cada um responsabilizar-se pelo que diz.

Freud (1910/1970) destaca que: “A escola não deve reivindicar por sua conta a inexorabilidade da vida, ela não deve querer ser mais do que um jogo de vida”. Lacadée (2000), comentando esse trecho freudiano, destaca que um projeto sempre inédito para a escola é esse de se colocar no jogo da vida de um sujeito. O autor retoma a indicação de Freud de que a escola tem que suportar certo mal-entendido, para apontar que é a partir desse mal-entendido que um psicanalista pode operar, estabelecendo uma prática da conversação. Lacadée destaca a importância de se introduzir uma necessária elaboração clínica ligada a uma fonte ética, fazendo uso do traço subjetivo particular a cada criança contra o ideal da norma. A conversação visa subverter a norma ideal identificatória pela relação particular de cada um com a questão do objeto pulsional em jogo do fato de sua inscrição na linguagem (Lacadée, 2000). Como consequência, permite o estabelecimento de um laço lógico entre o ideal e a pulsão de morte, uma solução que supõe o tempo necessário, tempo lógico, próprio de cada um, para que se desenlace a relação que cada um entretém com o inexorável (Lacadée, 2000).

A metodologia de trabalho: a oferta da escuta analítica na escola

Apostamos que a saída do impasse no campo educativo estaria na oferta da escuta analítica no ambiente escolar, que poderia favorecer os sujeitos na nomeação do próprio mal-estar e na construção de um saber possível sobre o impossível do real do sexo. A prática de conversação visa operar onde o discurso do mestre e o científico falham, entretanto, ela só é possível, no espaço escolar, porque está em inter-relação com os demais discursos. A proposta feita à escola foi a de realizar encontros semanais com os adolescentes, utilizando o dispositivo da conversação como metodologia de pesquisa e intervenção, tendo como referência os trabalhos realizados por Lacadée (2000) e Vasconcelos, Santos & Santiago (2009) nas escolas. Tomando a queixa da escola como “um sintoma escolar”, a pesquisa de intervenção parte do sintoma e visa a investigação das formas com que o “impossível” se manifesta no campo da educação (Vasconcelos et al., 2009). Como salienta Besset e Rubim (2007), a conversação não se confunde com a comunicação, pois ela trabalha com a possibilidade sempre presente do mal-entendido. Diferentemente da situação analítica, nas conversações a palavra circula entre os sujeitos envolvidos e a suposição de saber endereça-se ao próprio

dispositivo, numa aposta de que algo novo surja a partir do convite à fala (Besset e Rubim, 2007).

Se o discurso educativo visa dominar a dimensão pulsional pela via dos conteúdos culturais, ao levar em consideração apenas a aprendizagem, o ato educativo abre outra temporalidade, que remete ao desejo inconsciente, dimensão subjetiva sobre a qual se é responsável.

Nas conversações com as adolescentes, a psicanalista, ao fazer a distinção entre puberdade e adolescência, apontando o caráter universal da puberdade e o singular da adolescência, abriu a possibilidade para que cada sujeito pudesse falar da própria adolescência, dando início a uma elaboração inédita sobre o mal-estar que o aflige.

Uma menina fala dessa metamorfose, que acontece à sua revelia, comparando o seu corpo ao de um “*avatar: enorme, pesado, disforme*”. E interroga o lugar que ela ocupa no desejo da mãe, que lhe disse que preferia não ter tido uma filha na adolescência.

A prática de conversação opera onde o discurso como modo de laço social no campo da educação é falho (Lacadée, 2000). A conversação é fundada pela aprendizagem por meio da palavra do ponto de real em jogo para cada sujeito. O endereçamento ao Outro permite a invenção de uma modalidade de resposta inédita, o encontro de um nome para a sua dificuldade. Essa é a nossa aposta.

THE LISTENING OF TEENS IN SCHOOL: SEXUALITY AS A SCHOOL SYMPTOM

ABSTRACT

This article presents a reflection about a work conducted with adolescents in a private school. The demand of the school emerged at a time when the science teacher comes across with the impossibility of the transmission of the knowledge about the sexed body. Teachers confront with the equivocal of the educational transmission, with the untranslatable impulsive surplus of students, and with their own discomfort and perplexity over this situation. This impasse makes possible a conversation with teenagers at school. The blooming of puberty, the encounter with the other sex, the love, the conflict between generations, the image of the changeable body, generate anxiety and agitation. In conversation with the psychoanalyst, questions and answers emerge, enabling a symptomatization of what appeared to be an opacity in the knowledge and language provocations.

Index terms: *adolescence; puberty; knowledge; symptom; conversation.*

EL ESCUCHAR A LOS ADOLESCENTES EN LA ESCUELA: LA SEXUALIDAD COMO SÍNTOMA ACADÉMICO

RESÚMEN

En este artículo se presenta una reflexión sobre un trabajo realizado con adolescentes en una escuela privada. La demanda de la escuela se produjo en un momento en que el profesor de ciencias se enfrenta a la imposibilidad de la transmisión de un saber sobre el cuerpo sexuado. El maestro

se confronta con las fallas en la transmisión pedagógica, con lo excedente pulsional intraducible, y con su propio mal estar y perplejidad frente a esa situación. Ese impase hace posible una conversación con los adolescentes en la escuela. La eclosión de la pubertad, el encuentro con el otro sexo, el amor, el conflicto entre generaciones, la imagen corporal cambiante, generan angustia y agitación. En la conversación con el psicoanalista, surgen preguntas y respuestas, lo que permite una sintomatización de lo que se manifestaba como una opacidad en el saber y provocaciones lenguajeras.

Palabras clave: *adolescencia; pubertad; saber; síntoma; conversación.*

REFERÊNCIAS

- Besset, V. L., & Rubim, L. M. (2007). Psicanálise e educação: desafios e perspectivas. *Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas*, 12 (23), 36-55.
- Freud, S. (1970). Breves escritos. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp. 217-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Lacadeé, P. (2000). Da norma da conversação ao detalhe da conversação. In P. Lacadeé, & F. Monier (Orgs.), *Le pari de la conversation*. Paris: Institut du Champs Freudien: CIEN Centre interdisciplinaire su l'Enfant.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia, 1962-1963*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Núñez, V. (2005). Qué se quiere decir cón evaluar? In H. Tizio (Org.), *Reinventar el vinculo educativo: aportaciones de la pedagogia social y del psicoanálisis* (pp. 85-102). Barcelona: Gedisa Editorial.
- Pereira, M. (2012). A orientação clínica como questão de método à psicologia, psicanálise e educação. In M. Pereira (Org.), *A psicanálise escuta a educação 10 anos depois* (pp. 23-34). Belo Horizonte, MG: Fino Traço.
- Ruffino, R. (2004). A condição traumática da puberdade na contemporaneidade e a adolescência como sintoma social a ela articulada. *Textura. Revista de Psicanálise*, 1-12. Recuperado de <http://www.revistatextura.com/leia/acondittraumatica.pdf>
- Vasconcelos, R. N., Santos, J. S., & Santiago, A. L. B. (2009). Abordagem clínico-pedagógica do mal-estar das crianças frente às dificuldades escolares. Anais do 7º Colóquio LEPSI-USP. São Paulo, SP/Brasil. Recuperado de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032008000100071&script=sci_arttext
- Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. *Clínica do contemporâneo. Revista Curinga*, 20, 27-39.
- Tizio, H. (Org.). (2005). *Reinventar el vinculo educativo: aportaciones de la pedagogia social y del psicoanálisis*. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial.

cristianedefreitascunha@gmail.com
Alameda das Orquídeas, 2077
34000-000 – Nova Lima – MG – Brasil.

nadia.laguardia@gmail.com
Avenida Antônio Carlos, 6627
31270-901 – Belo Horizonte – MG – Brasil.

*Recebido em junho/2013.
Aceito em outubro/2013.*